

**FILOCTETES, DE SÓFOCLES: INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS \***

Josiane T. MARTINEZ

**RESUMO** *Esta dissertação consiste em uma tradução da tragédia Filoctetes, de Sófocles, acompanhada de notas explicativas e de um ensaio introdutório a respeito do drama. Para a tradução de Filoctetes, o texto utilizado foi, salvo indicação contrária, o estabelecido por A. C. Pearson e comentado por T. B. L. Webster, editado pela Cambridge University Press. Outras edições críticas e traduções também foram consultadas, especialmente a que traz os comentários de J. C. Kamerbeek<sup>1</sup>. A tradução foi feita em prosa e as notas que a acompanham são, basicamente, explicativas: referências mitológicas; opções por outro texto grego que não o estabelecido por Pearson; justificativa da tradução de certos termos; comentários sobre o texto; ou, ainda, remissões ao ensaio introdutório.*

*Quanto ao ensaio, nele nos propomos a analisar a caracterização das personagens centrais (Filoctetes, Neoptólemo e Odisseu) a partir de seus discursos mais representativos, seguindo, na medida do possível, uma leitura seqüencial da peça. No decorrer dessa análise, foram consideradas as relações dessas personagens com o contexto sociopolítico grego do século V a. C. e também as relações com outros textos da tradição literária (principalmente com os de Homero).*

**ABSTRACT** *This work consists of a translation of Sophocles' Philoctetes tragedy, followed by explanatory notes and an introductory essay about the drama. For the translation of the play, we have used, saving contrary indication, the text of A. C. Pearson, with comments, edited by T. B. L. Wester, Cambridge University Press. Other critical editions and translations were consulted too, especially the edition with the comments of J. C. Kammerbeek (v. bibliography). Our translation is made in prose and the notes are mainly explanations about the text: mythological references; choices for other editions of the play; justification of the translation of certain terms; comments*

---

\* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 26 de fevereiro de 2003, orientada pelo Prof. Dr. Trajano A.R. Vieira.

<sup>1</sup> A respeito das edições, traduções e críticas, ver bibliografia.

about the play; or references to the introductory essay. In this essay, we propose an analysis of the characterization of the main characters (Philoctetes, Neoptolemos and Odiseus) based on their more representative discourses, trying to follow the sequence of the play. In this analysis, the relations between the characters and the Greek sociopolitical context of the 5th century b. C. were considered, and also the relations between the characters and the texts from the literary tradition (especially Homer's ones).

No presente artigo, reproduzimos da dissertação a apresentação ao ensaio introdutório, na qual expomos algumas das questões que orientaram nossa leitura e nossa interpretação da peça, além de mencionarmos as fontes literárias pelas quais conhecemos o mito de Filoctetes, bem como as tragédias homônimas de Ésquilo e de Eurípidas, a fim de observá-los, ao menos parcialmente, em que reside a originalidade da versão de Sófocles e de sua escolha de Neoptólemo, filho de Aquiles, como personagem. Por fim, apresentamos algumas considerações a respeito das personagens centrais.

## APRESENTAÇÃO

A história do mítico herói Filoctetes, filho de Peante e herdeiro das armas de Hércules, conhecemos por fontes diversas e de modo fragmentado.

Filoctetes é brevemente mencionado na *Ilíada* (II, 716-725), na qual aparece como rei da Taumácia, de Olizona, de Metone e Melibéia<sup>2</sup>, exímio arqueiro e comandante de sete navios na expedição a Tróia. O herói, contudo, não chega à cidadela junto com o exército aqueu, mas é deixado sozinho na ilha de Lemnos, sofrendo dores atrozes, depois de ter sido picado por uma serpente. Homero ainda afirma, sugestivamente, que os aqueus se lembrarão do rei ferido.

Na *Odisséia*, Filoctetes figura entre os heróis que tiveram um feliz retorno para casa (III, 190), e Odisseu, entre os feácios, se lhe refere como o único que o supera na arte de manejar o arco (VIII, 219 ss). Dos *Cantos Cíprios*, através de um comentário de Proclo, sabemos que Filoctetes foi picado por uma serpente em Tênedos, depois do que, em virtude do mau cheiro da ferida, é abandonado em Lemnos. Em seu breve comentário à *Pequena Ilíada*, Proclo nos conta também que, depois da disputa das armas de Aquiles e da morte de Ajax, Odisseu aprisiona Heleno, que prevê a ruína de

---

<sup>2</sup> Sófocles o situa mais ao sul, na Malia, às margens do Espérquio.

Tróia. Então Odisseu traz Neoptólmo de Ciro e lhe entrega as armas paternas, mas é Diomedes quem resgata Filoctetes em Lemnos. Este é curado por Macaon e mata Páris.<sup>3</sup>

Encontramos ainda uma menção a Filoctetes na *Primeira Pítica*, de Píndaro (vv. 50ss), em que o enfermeiro Hieron, conduzindo seu exército, é comparado ao herói homérico conquistando Tróia; em um escólio deste poema se afirma que Baquilides, em seus ditirambos, também nos conta a história de que os gregos buscaram Filoctetes em Lemnos depois da profecia de Heleno, devido ao fato de não ser possível devastar Tróia sem o arco de Hércules.

Sófocles, Ésquilo e Eurípidés escreveram tragédias homônimas sobre o mito de Filoctetes, mas das tragédias dos dois últimos autores conhecemos apenas fragmentos, além do valioso ensaio comparativo de Dion Crisóstomo, que também parafraseou o prólogo da versão de Eurípidés.<sup>4</sup> Sobre a tragédia de Ésquilo, Dion nos informa que é Odisseu quem vai buscar Filoctetes, sem menção à existência de qualquer acompanhante. Através de uma falsa história, a de que Agamêmnon estava morto e Odisseu havia sido “destruído” sob vergonhosa acusação, Odisseu, sem ser reconhecido por Filoctetes, ganha sua confiança, manipulando seu ódio pelo exército grego e por ele mesmo. Do fragmento que nos resta da peça (frag. 398, 399 Mette), sabemos ter ocorrido um ataque da doença de Filoctetes no decorrer da ação, o que nos leva a supor que isso deu a Odisseu a chance de tomar o arco e persuadir— ou forçar— Filoctetes a seguir com ele para Tróia. O coro é de lemniatos, que aparentam estar se aproximando de Filoctetes pela primeira vez, sem qualquer justificativa para seu distanciamento anterior. A data da versão de Ésquilo é incerta e sabe-se apenas que é anterior às versões de Sófocles e Eurípidés.

Quanto à versão eurípidiana, Dion nos conta que, no prólogo, Odisseu expõe as circunstâncias sob as quais ele chega a Lemnos para buscar Filoctetes e seu arco: o adivinho Heleno, filho de Príamo, havia profetizado que *aneu touíton* (“sem esses”— Filoctetes e seu arco) não seria possível conquistar a cidade de Tróia. Ciente do ódio de Filoctetes, Odisseu chega a Lemnos disfarçado, irreconhecível graças à deusa Atena; ele sabe que uma embaixada troiana também está a caminho, com o mesmo objetivo que o seu— fazer de Filoctetes um aliado na frente de batalha, o que torna sua tarefa ainda mais urgente. Assim como o Odisseu de Ésquilo e o de Sófocles, é através de uma falsa história que o Odisseu de Eurípidés ganha a confiança de Filoctetes, declarando-se amigo de Palamedes e afirmando que, quando Palamedes foi destruído pelas calúnias de Odisseu, ele mesmo teve de fugir ou teria sido morto<sup>5</sup>. O coro também

---

<sup>3</sup> Cf. Kamerbeek, *Philoctetes*, in *The Plays of Sophocles, commentaries VI*. Leiden, E. J. Brill, 1980, pp. 1-2.

<sup>4</sup> *Oratio 52, Or. 59*, apud Kamerbeek, *Philoctetes*, in *The Plays of Sophocles, commentaries VI*. Leiden, E. J. Brill, 1980, p. 2.

<sup>5</sup> Hight, G. “Sinon”, in *The Speeches in Vergil's Aeneid*. Princeton, Princeton University Press, 1972.

é de lemnianos, mas Eurípides põe em cena Diomedes, que rouba o arco durante o sono reparador de Filoctetes. A peça, encenada em 431 a. C., é a segunda parte de uma tetralogia, da qual *Medéia* é a primeira.

Na versão de Sófocles, provavelmente encenada em 409 a. C., o drama inicia-se no momento em que Odisseu e seu acompanhante e colaborador, Neoptólemo, filho de Aquiles, chegam a Lemnos para buscar o herói abandonado por dez anos.<sup>6</sup>

Odisseu, personagem insigne por sua habilidade retórica, foi um dos responsáveis pelo abandono de Filoctetes, e Neoptólemo, que não participou da primeira expedição, é filho de um dos maiores guerreiros gregos, apto, portanto, ao contrário de Odisseu, a ganhar a confiança de Filoctetes, o que, de fato, ocorre. Instruído por Odisseu, Neoptólemo conquista a confiança de Filoctetes por meio do dolo e assim consegue obter o arco de Hércules; o ardil, no entanto, não é levado até o fim, pois o jovem filho de Aquiles volta atrás em sua decisão e acaba por devolver o arco a seu dono, tentando persuadi-lo a ir para Tróia voluntariamente. Ele não obtém êxito, até que apareça Hércules, o *deus ex machina* que determina a partida de Filoctetes para a cidadela. Nessa versão, o coro é composto de marujos, subordinados a Neoptólemo, o que contribui para o esboço de uma solidão e isolamento absolutos do antigo companheiro de Hércules.

Com essas personagens, Sófocles desenvolve um drama cujo conteúdo diz respeito a valores como amizade, lealdade, e a questões éticas sempre atuais, como “seria válido utilizar meios duvidosos para obter um ganho, ainda que em benefício de uma causa maior?”, “o que importa realmente, a ação em si mesma ou o fim a que visa?”, “qual o melhor meio de atingir um objetivo: dolo, violência ou persuasão?”, “é a persuasão uma variante do dolo?”.<sup>7</sup>

O *Filoctetes* de Sófocles tem despertado bastante o interesse da crítica nos últimos quinze anos, o que, de acordo com Easterling,<sup>8</sup> deve-se em parte ao fato de seus temas—comunicação e relações humanas, meios e fins, apoiados por uma profunda discussão ética—soarem familiares e importantes ao leitor moderno. Além disso, a peça apresenta uma complexidade intrigante ao seu público, causada, em boa parte, pela ambigüidade da profecia e da motivação das personagens, pois, embora o espectador contemporâneo de Sófocles tivesse em mente que Tróia fora arrasada e Filoctetes curado<sup>9</sup>, o desenrolar

---

<sup>6</sup> No decorrer da trama, sabemos que Filoctetes foi picado no pé por uma serpente enquanto celebrava um sacrifício na ilha de Crisa; a ferida prontamente tornou-se uma chaga supurante, exalando odor insuportável e provocando fortes ataques de dor. Em decorrência de sua doença, para a qual parecia não haver cura, Filoctetes foi abandonado pelo exército grego, até que este decidisse por sua volta, depois de Heleno profetizar que Tróia não poderia ser tomada exceto se, entre outras coisas, os gregos estivessem com o arco de Hércules.

<sup>7</sup> Note-se que essas serão questões posteriormente discutidas por Maquiavel e de importância fundamental para o pensamento político ocidental.

<sup>8</sup> Easterling, P. E., “*Philoctetes* and Modern Criticism”, in *Oxford Readings in Greek Tragedy*, (ed. Erich Segal), Oxford University Press, 1983, p.217.

<sup>9</sup> Lembremos que o mito é contado na *Pequena Ilíada*.

do drama e sua interpretação não são previsíveis, uma vez que a platéia pouco sabe da profecia ou da motivação das personagens (com exceção da de Filoctetes) até um ponto bastante adiantado da peça.

No prólogo, por exemplo, no qual Odisseu expõe a Neoptólemo o motivo pelo qual foram a Lemnos, a profecia de Heleno aparece de modo incerto, e ao final não sabemos se o objetivo da missão é capturar apenas o arco ou também Filoctetes, como não sabemos ainda se esse objetivo aparece de modo igualmente claro para Odisseu e Neoptólemo (a profecia vai se esclarecendo no decorrer da peça de acordo com a conveniência dramática). Tampouco podemos saber se Odisseu está blefando ou não quando diz que Filoctetes pode ser deixado em Lemnos, uma vez que o arco se encontra com Neoptólemo (vv.1054ss.). Quanto à motivação deste último, podemos assinalar, citando Easterling, que “quase todo pormenor em seu comportamento pode ser interpretado de várias maneiras”<sup>10</sup> (ver vv.329 e 461ss., por exemplo) e, conforme Winnington-Ingram, “não temos como saber como ele reage de momento a momento enquanto desempenha seu papel no estratagema de Odisseu”<sup>11</sup>.

Essas são algumas das questões cruciais para a interpretação do drama, uma vez que se relacionam diretamente com o desenrolar da ação central, isto é, com o desenvolvimento da relação entre Neoptólemo e Filoctetes e com o modo pelo qual a profecia irá se cumprir, ou seja, como Filoctetes, a princípio irredutível em seu ódio por Odisseu, será levado a Tróia para conquistá-la e ser curado.

Segundo Garvie<sup>12</sup>, *Filoctetes* apresenta uma estrutura tripartida, pois, embora as partes se sobreponham, pode-se notar claramente três fases no desenvolvimento dramático: primeiro, o dolo, que falha, uma vez que seu agente, Neoptólemo, não consegue levá-lo a cabo; segundo, a violência, que falha, pois Odisseu, ao tentar usá-la, não chega a tomar para si o arco de Filoctetes; terceiro, persuasão, que também falha quando se depara com a irredutível determinação de Filoctetes. Assim, o prólogo nos apresenta as três maneiras de levar Filoctetes para Tróia— dolo (*dólos*), violência (*bía*), persuasão (*peithó*)— e durante a peça vemos cada uma delas sendo posta à prova.<sup>13</sup>

No prólogo, Odisseu instrui Neoptólemo a usar o dolo para obter de Filoctetes as armas invencíveis de Hércules— único modo de tomar Tróia. Vemos, assim, delineado no primeiro trecho, o modo como Neoptólemo deve abordar Filoctetes, dando início

---

<sup>10</sup> Easterling, *op. cit.*, p.218.

<sup>11</sup> Winnington-Ingram, R. P., *Sophocles: an interpretation*. Cambridge University Press, 1980, p. 283.

<sup>12</sup> Garvie, A. F., “Deceit, violence, and persuasion in the *Philoctetes*”, *Studi Classici in Onore de Quintino Cataudella*, vol. I (1972), 213, *apud* Easterling, *op. cit.*, p.220.

<sup>13</sup> Easterling, *op. cit.*, pp. 220-223. Garvie considera a epifania de Hércules como algo à parte desse modelo, enquanto Easterling vê, nas palavras de Hércules, o momento em que a persuasão é finalmente bem sucedida. Lembremos, no entanto, que a persuasão pressupõe a liberdade de escolha: aquele a ser persuadido pode ou não aceitar os argumentos de quem persuade; mas a palavra de um *deus ex machina* é absoluta e não admite contestação— diríamos que um deus não persuade, ele ordena, dispõe.

ao estratagemas: mencionar uma nobre ascendência e vilependiar Odisseu e o exército grego, declarando-se vítima deles, a fim de ganhar a confiança de Filoctetes, ao estabelecer entre eles uma afinidade: o ódio a Odisseu e ao exército grego.

Quanto à ascendência de Neoptólmo, essa é bastante singular, pois o jovem é filho de Aquiles, o herói por excelência (nobre, justo e corajoso), que encarna uma ética e um heroísmo que servem de contraponto àqueles de Odisseu.<sup>14</sup>

Assim, a primeira reação de Neoptólmo ao estratagemas de Odisseu é de rejeição: ele prefere agir com lealdade e fracassar a vencer deslealmente (vv.94-95), uma vez que não é próprio de sua natureza (*phýsis*), nem da de quem o gerou, vencer pela mentira (vv.88-89); vemos valorizada, desse modo, a ação em si mesma, não conforme seu fim. Ele está pronto a conduzir Filoctetes por meio da força (*bía*), não da fraude (*dólos*).

Odisseu, no entanto, contrapõe-se a Neoptólmo através de uma defesa da língua (*glóssa*), afirmando a supremacia desta sobre as ações (*érga*). O jovem ainda resiste, indagando por que então não conduzir Filoctetes por meio da persuasão (v.102); prevendo que o ressentimento de Filoctetes não seria aplacado, Odisseu descarta essa hipótese, bem como o uso da força, uma vez que Filoctetes possui o arco de Hércules e seus dardos invencíveis (vv.103-105).

Vemos, assim, apresentadas e, a princípio, excluídas, a violência e a persuasão como formas de levar Filoctetes a Tróia. De acordo com Odisseu, só há um modo de fazer isso: o dolo. E é para convencer Neoptólmo que Odisseu prossegue sua argumentação, manipulando os conceitos de *sophós* e *agathós* (ao identificar o primeiro com a astúcia) e usando a seu favor a tese de que o fim justifica a ação, não o valor desta em si mesma (vv.108-111).

Desse modo, Odisseu acaba por convencer o jovem, seduzido pelas promessas de glória e também pelo fato de tratar-se de um objetivo que transcende o plano individual: ao cumprir esse objetivo (levar Filoctetes e o arco de Hércules a Tróia), Neoptólmo

---

<sup>14</sup> Como observa José Ribeiro Ferreira (“O significado da figura de Ulisses no Filoctetes”, *Humanitas* XXXI - XXXII (1979-1980), pp. 115-139), o contraste ético e social entre Aquiles e Odisseu—dois heróis que se tornaram protótipos míticos e literários de duas maneiras diferentes de pensar e de sentir—já se encontrava em Homero, sobretudo no canto IX da *Ilíada* (especialmente nos vv. 312-13), e “acentuar-se-ia até ser, no século V, um lugar comum”, um tema retórico quase obrigatório. Em apoio à sua tese, Ferreira cita-nos o *Hípias Menor* de Platão, no qual o sofista caracteriza (365b) Aquiles como verdadeiro e simples (*alethés te kai aploús*) e Odisseu, como múltiplo e mentiroso (*polýtropos te kai pseudés*), ou o primeiro como o mais simples e verdadeiro dos homens (*aploústatos kai alethéstatos*, 364e) e o segundo como o mais múltiplo (*polytropótaton*, 364c). Assim, quando nos referimos a Aquiles, o fazemos pensando não no jovem criado em Ciro, na corte do rei Licomedes, e que se disfarça de mulher para evitar Tróia, mas no guerreiro da *Ilíada*, o que escolhe seu destino fatal. Não descartamos a possibilidade, é evidente, de que o jovem Aquiles fosse também lembrado pela platéia de Sófocles, assim como um outro Odisseu também poderia ser evocado: o bufão, o burlesco, que coexistia com o Odisseu heróico. Sobre essas duas vertentes da caracterização de Odisseu, ver Miller, P. A., *Lyric Texts & Lyric Consciousness*. Londres, Routledge, 1994.

estaria libertando do sofrimento todo o exército grego, uma vez que a cidadela seria conquistada, ainda que esse objetivo devesse ser atingido, conforme orientação de Odisseu, deslealmente, através do dolo, e não como conviria a um guerreiro como Aquiles ou seu filho.

O papel da persuasão nos parece, portanto, bastante proeminente no drama, se pensarmos que é justamente através de um discurso eloqüente, isto é, de uma hábil estratégia retórica persuasiva, que Odisseu, num primeiro momento, convence Neoptólemo a enganar Filoctetes através do dolo. Se analisarmos o discurso de Filoctetes, veremos que elementos retóricos também não lhe faltam e que toda a peça é permeada por uma estratégia persuasiva.

O que nos interessou neste trabalho foi analisar como Odisseu convence Neoptólemo; como este se livra da influência daquele; como, por meio dessas experiências, se define o caráter desses heróis e o de Filoctetes. Em outras palavras, fizemos uma análise de personagens vinculada à análise do enredo.

## CONSIDERAÇÕES GERAIS A RESPEITO DAS PERSONAGENS

Ao compararmos o *Filoctetes* de Sófocles com as versões homônimas de Ésquilo e de Eurípidés (que conhecemos parcialmente por meio do ensaio de Dion Crisóstomo), notamos que a primeira apresenta uma diferença fundamental em relação às outras duas: a introdução do jovem filho de Aquiles, Neoptólemo, cuja participação é essencial ao desenvolvimento do drama. Ademais, nas peças de Ésquilo e de Eurípidés, Odisseu é o orador habilidoso e persuasivo que convence Filoctetes a ir a Tróia.<sup>15</sup> Sófocles, no entanto, recusa esse papel a Odisseu, que será o antagonista de Filoctetes do início ao fim da tragédia, quando este cede à determinação de Hércules.

Como observa Knox, o fato de sabermos que Filoctetes, de algum modo, acabará cedendo aos apelos para demovê-lo e irá a Tróia faz com que voltemos nossa atenção justamente para o modo como isso se dará. Por conseguinte, voltamo-nos também para a natureza desses apelos e para as personagens que os fazem pois o que importa é *como, e, provavelmente, por quem*, Filoctetes será levado.<sup>16</sup>

Ao retratar Neoptólemo, Sófocles traça o progresso moral de um jovem que tem o potencial para se tornar tão admirável quanto seu pai, Aquiles. Como observa Whitby, o desenvolvimento de um jovem por meio de uma associação com um adulto relaciona-se diretamente com as idéias educacionais contemporâneas de Sófocles, como as socráticas; porém, a educação de Telêmaco por meio de uma série de mentores mais velhos, na *Odisséia*, “oferece ao *phylómeros* Sófocles um modelo para tal associação

<sup>15</sup> Kirkwood, G. M., “Persuasion and Allusion in Sophocles’ *Philoctetes*”. *Hermes*, 1994, p.436.

<sup>16</sup> Knox, *op. cit.*, p.118.

em um contexto troiano”.<sup>17</sup> Segundo a helenista, assim como a Telemaquia enriquece a história de Odisseu, a introdução de Neoptólemo aprofunda e enriquece a história de Filoctetes.<sup>18</sup>

Quanto a Odisseu, sua postura pragmática é bastante coerente com o caráter de um herói racional, prudente e realista. No entanto, quando o contrastamos com as outras personagens (e suas convicções éticas), e, principalmente, com Filoctetes, o caráter de Odisseu nos parece bem menos nobre ou heróico, e mais próximo do de um homem comum, como sugere Filoctetes, ao afirmar que Odisseu não pensa como um homem livre (1006).

O papel de Odisseu é, claramente, o de antagonista de Filoctetes; no entanto, isso não faz dele um vilão desprezível. Sófocles, ao aludir ao Odisseu homérico através da figura de Filoctetes, nos lembra que o herói da *Odisséia* é uma personagem de muitas facetas a serem exploradas (o que caracteriza sua ambivalência) e nos mostra que Sófocles não foi nem um pouco ingênuo ao caracterizar Odisseu, pois, embora o dramaturgo destaque o aspecto inescrupuloso do caráter dessa personagem,<sup>19</sup> não podemos execrá-la tão facilmente, uma vez que os objetivos pessoais de Odisseu se confundem com os de uma causa comum. Assim, o julgamento sobre seu caráter, Sófocles o reserva à platéia.

Quanto a Filoctetes, o herói tão injustamente ultrajado, cuja história singularmente tem um desfecho feliz, observamos que seu caráter é pautado pelos valores aristocráticos e heróicos e se aproxima, principalmente, do caráter de Aquiles. Note-se, porém, que Filoctetes também apresenta semelhanças com Hércules e alude ao Odisseu homérico, o que não nos permite traçar uma analogia simples e direta do herói trágico com uma única outra personagem da tradição. Como observamos, o jogo alusivo de que Sófocles faz uso ao compor suas personagens é bem mais complexo e sofisticado.

É possível entendermos e interpretamos *Filoctetes* apenas levando em consideração o contexto histórico do séc.V (refletido principalmente na caracterização de Odisseu) e o desenvolvimento interno do enredo. No entanto, como observamos ao longo da análise, o cotejo da tragédia com outras obras da tradição literária amplia nossa compreensão do drama, ao acrescentar uma outra perspectiva para sua interpretação.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Textos gregos, traduções e comentadores

SOFOCLE. (1998). *Trachinie – Filottete*. Texto grego estabelecido por A. Dain (para Les Belles Lettres, 1960) e traduzido por Maria P. Pattoni. Milão, Biblioteca Universale Rizzoli.

---

<sup>17</sup> Whitby, *op. cit.*, p.38.

<sup>18</sup> Whitby, *op. cit.*, p.35.

<sup>19</sup> Principalmente ao contrastá-lo com o de Neoptólemo e o de Filoctetes.



- SÓFOCLES. (1999). *Filoctetes*, in *Tragedias*. Tradução de Fernando Segundo Brieva. Madri, Ed. EDAF.
- SOPHOCLE. (1934). *Philoctète*. Texto grego estabelecido e traduzido por P. Masqueray. Paris, Les Belles Lettres.
- SOPHOCLES. (1957). *Philoctetes*, in *The complete greek tragedies vol. IV: Sophocles II*, editado por D. Grene e R. Lattimore. Chicago, The University of Chicago Press.
- SOPHOCLES. (1980). *Philoctetes*, in *The Plays of Sophocles, commentaries VI*, edit. por J. C. Kamerbeek, Leiden, E. J. Brill.
- SOPHOCLES. (1970). *Philoctetes*. Texto grego estabelecido por A. C. Pearson e editado por T. B. L. Webster. Cambridge, Cambridge University Press.

## 2. Estudos sobre a literatura e o pensamento gregos

- ARISTÓTELES. (1992) *Poética*. (edição trilingüe de V. G. Yebra). Madri, Ed. Gredos.
- ARISTOTLE. (1994) *The Nicomachean Ethics*, com tradução de H. Rackham. Cambridge, Harvard University Press- Loeb Classical Library.
- BENARDETE, S. “*Chrè and Dei in Plato and Others*”, *Glotta* 43 (1965).
- DETIENNE, M. (1988). *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- DETIENNE, M. & VERNANT, J.P. (1995). *Les Ruses de L’Intelligence, La Mètis des Grecs*. Paris, Flammarion.
- DIMOCK, Jr., G.E. (1991). “The Name of Odysseus”, in Harold Bloom (ed.), *Odysseus/Ulysses*. Nova Iorque, Filadélfia, Chelsea House Publishers.
- DODDS, E.R. (1951). *The Greeks and the Irrational*. Berkeley, University of California Press.
- GRIFFIN, J. (1995). (ed.). *Homer, Iliad Book Nine*. Oxford, Clarendon Press.
- GUTHRIE, W.K.C. (1971). *The Sophists*. Cambridge, Cambridge University Press.
- KERFERD, G.B. (1981). *The Sophistic Movement*. Cambridge, Cambridge University Press.
- KIRK, G.S. (1995). *The Iliad: A Commentary. Volume I: Books 1-4*. Cambridge, Cambridge University Press.
- MARTIN, R.P. (1989). *The Language of Heroes: Speech and Performance in the Iliad*. Ithaca, Londres, Cornell University Press.
- VERNANT, J.P. (1977). *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro, São Paulo, Difel.
- \_\_\_\_\_. (1990). *Mito e Pensamento entre os Gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- VERNANT, J.P. & VIDAL- NAQUET, P. (1990). *La Grèce Ancienne*. Paris, Seuil.

### 3. Estudos sobre tragédia grega

BUXTON, R.G.A. (1982). *Persuasion in Greek Tragedy*. Cambridge, Cambridge University Press.

KITTO, H.D.F. (1961). *Greek Tragedy, A Literary Study*. Londres.

\_\_\_\_\_. (1956). *Form and Meaning in Drama*. Londres.

LESKY, A. (1966) *Tragédia Grega*. São Paulo, Ed. Perspectiva.

VERNANT, J-P. & VIDAL-NAQUET, P. (1977). *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo, Duas Cidades.

### 4. Estudos sobre Sófocles

BLOOM, H. (1990). (org.). *Sophocles*. Nova Iorque, Chelsea House Publishers.

BLUNDELL, M.W. (1989). *Helping Friends and Harming Enemies. A Study in Sophocles and Greek Ethics*. Cambridge, Cambridge University Press.

GELLIE, G.H. (1972). *Sophocles: A Reading*. Melbourne.

KNOX, Bernard M.W. (1964). *The Heroic Temper: Studies in Sophoclean Tragedy*. Berkeley, University of California Press.

REINHARDT, K. (1989). *Filottete, in Sofocle* (traduzido por Maria Antonietta Forgione). Gênova, Il Melangolo.

SEGAL, C. (1995). *Sophocles' Tragic World*. London, Harvard University Press.

WINNINGTON-INGRAM, R.P. (1980). *Sophocles, an interpretation*. Londres, Cambridge University Press.

### 5. Estudos sobre Filoctetes

BEYE, C. R. "Sophocles' *Philoctetes* and the Homeric Embassy", *TAPA* 101, 63-75.

BLUNDELL, M.W. (1987). "The Moral Character of Odysseus in *Philoctetes*". *Greek, Roman and Byzantine Studies*, vol.28, n°3, 307-329.

CALDER, W.M. (1971). "Sophoclean Apologia: *Philoctetes*". *Greek, Roman and Byzantine Studies*, 12, 153-74.

EASTERLING, P.E. (1983). "Philoctetes and Modern Criticism", in Erich Segal (ed.), *Oxford Readings in Greek Tragedy*. London, Oxford University Press.

FALKNER, T. (1998). "Containing Tragedy: Rhetoric and Self-Representation in Sophocles' *Philoctetes*". *Classical Antiquity*, vol. 17, 25-58.

FERREIRA, José Ribeiro - "O significado da figura de Ulisses no *Filoctetes*". *Humanitas* vol. XXXI - XXXII (1979-1980) 115-139.

KIRKWOOD, G.M. (1994). "Persuasion and Allusion in Sophocles' *Philoctetes*". *Hermes*, vol.122, 425-436.

- KONSTAN, D. (1999). "Philoctetes' Pity: Commentary on Moravcsik", in *Proceedings of the Boston Area Colloquium in Ancient Philosophy*, volume XIII (1997). Boston, Brill, ed. por Cleary, J. J. e Gurtler, G. M.
- MORAVCSIK, J. (1999). "Development of Friendship and Values in the Philoctetes", in *Proceedings of the Boston Colloquium in Ancient Philosophy*, volume XIII (1997). Boston, Brill, ed. por Cleary e Gurtler.
- NUSSBAUM, M. (1991). "Odysseus in Sophocles' *Philoctetes*", in Harold Bloom (ed.), *Odysseus/Ulysses*. Nova Iorque, Filadélfia, Chelsea House Publishers.
- POE, J.P. (1974). *Heroism and Divine Justice in Sophocles' Philoctetes*. Leiden.
- PUCCI, P. (1994). "God's Intervention and Epiphany in Sophocles". *American Journal of Philology*, vol.115, n°1, 15-46.
- RABEL, R.J. (1977). "Sophocles' *Philoctetes* and the Interpretation of *Iliad* 9". *Arethusa*, vol.30, n°2, 297-307.
- ROSE, P.W. (1976). "Sophocles' *Philoctetes* and the Teachings of the Sophists". *HSCP* 80, 49-105
- WHITBY, M. (1996). "Telemachus transformed? The Origins of Neoptolemus in Sophocles' *Philoctetes*". *Greece and Rome*, vol. xliii, n°1, 31-42.